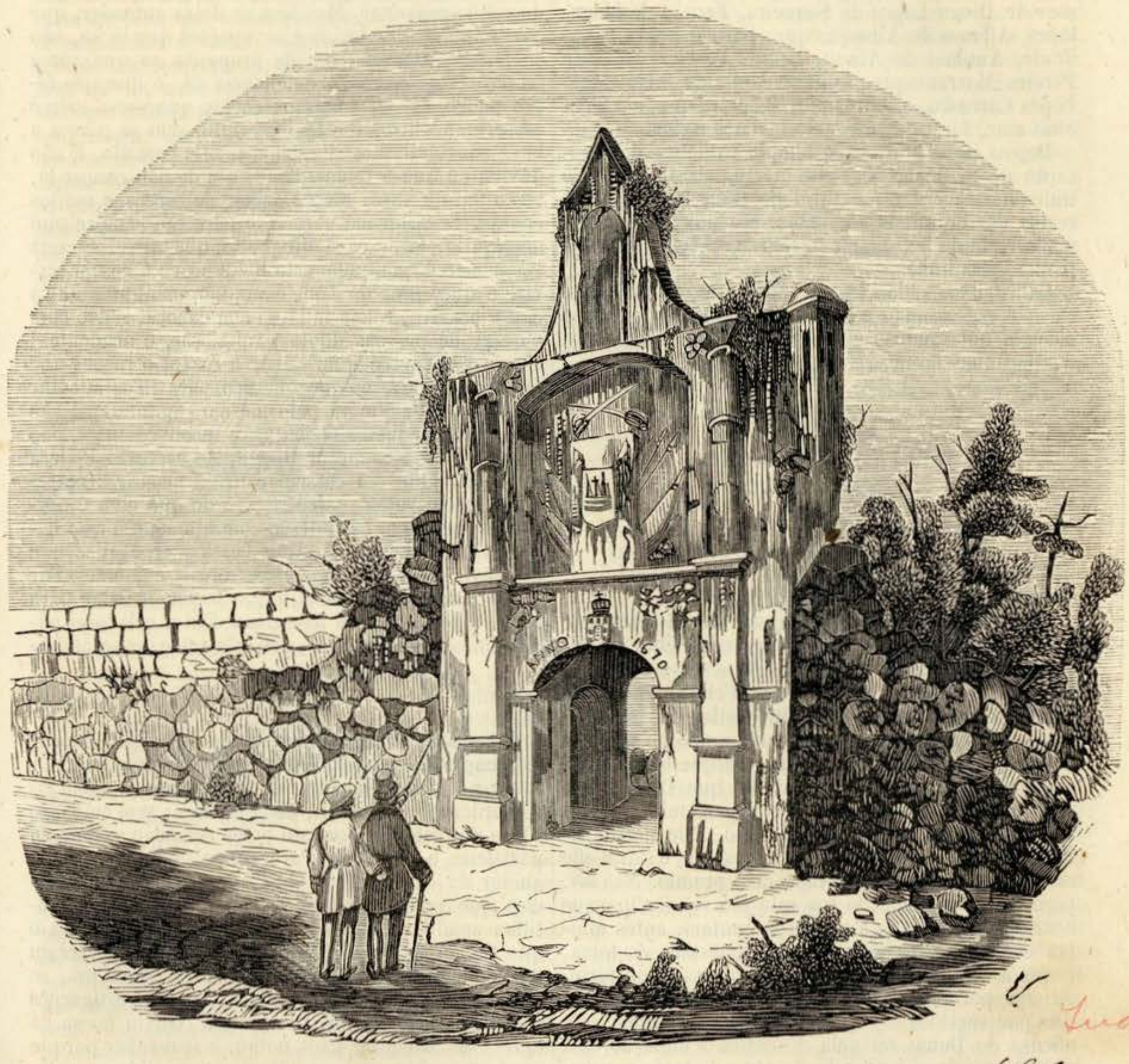
MALACA.



Ruinas da unica porta que resta da antiga cidade de Malaca. — Gravura de Coelho Junior.

Alvorecia uma formosa manhã de janeiro. A Aurea Chersoneso, abrilhantada pelos primeiros raios do sol, parecia saudar com alegria o pavilhão portuguez, que tremolava no tope da nossa embarcação, como recordando ainda os espantosos feitos dos nossos avós do decimo-sexto seculo. Pelo contrario, a melancolia pousava nos rostos de todos os tripulantes, enxergando a bandeira ingleza, que se despregava sobre as muralhas de Malaca.

Aproando ao ancoradouro, lançámos ferro em frente da cidade, e alguns dos officiaes e passageiros se transportaram logo a terra.

O porto de Malaca em janeiro do anno do Senhor 1852 não dava a menor idéa d'aquelle antigo emporio commercial de outras eras, nem mesmo parecia uma moderna colonia ingleza: no seu fundeadouro nem uma só embarcação mercante se encontrava.

Maravilhou-nos, apenas saltámos sobre aquella terra de gloriosas recordações, ouvir fallar portuguez (muito adulterado, é verdade) a toda a gente que se nos acercou.... Dois seculos de dominio hollandez e britannico não foram sufficientes para fazer esquecer aos malaios o idioma do grande Affonso de Albuquerque!

Subindo a uma carruagem, dissemos ao mahometano, que, a pé, guiava o cavallo: Ao palacio do governador. Mas, apenas chegados á residencia do primeiro funccionario colonial, modificámos a idéa de palacio, bebida em Sincapura; porque, em vez d'aquella faustosa morada, encontrámos uma modesta habitação; mas, em paga d'isso, appareceu-nos na pessoa do governador a agradavel excepção de um inglez sem *spleen*, e até de maneiras muito sympathicas.

Este bom homem teve a delicadeza de se offerecer para nosso *ciceroni;* e, apesar de lhe pedirmos que se não incommodasse, insistiu em nos ir mostrar as ruinas da cidade, unicos objectos dignos da attenção

do viajante, principalmente do viajante portuguez. Estas ruinas é o que resta de grandioso e bello n'aquelle desmoronado emporio!

Quem ainda sente palpitar-lhe no peito um coração de portuguez, que avalie as nossas sensações n'essa hora! Em cada pedra parecia-nos ler os nomes de Diogo Lopes de Sequeira, Fernão de Magalhães, Affonso de Albuquerque, Fernão Lopes d'Andrade, Antonio de Abreu, Leoniz Pereira, Gonçalo Pereira Marramaque, Luiz de Mello da Silva, Mem Lopes Carrasco, e tantos outros heroes que, em terra e no mar, foram o terror de malaios e jáus.

Depois de visitarmos o templo catholico da invocação de S. João, obra dos portuguezes, e que só tinha um sacerdote, natural de Goa, fomos ver os restos das muralhas da cidade, e a unica porta que ainda resta de pé, d'onde tirámos o esboço que acompanha estas linhas.

Cabisbaixos, silenciosos, anhelantes, voltámos ao cáes; e regressando a bordo, desfraldámos as velas, dizendo um saudoso adeus áquelle glorioso theatro das façanhas de nossos antepassados.

F.

REI OU IMPOSTOR?

Chronica portugueza.

XXIV.

A carta anonyma, introduzida em casa dos juizes, dizia assim:

«Senhor. O negocio que vossa mercê traz entre mãos é tão grave, que tem todo o reino em espectação, e mui particularmente aos seus servos, que antevendo o damno e proveito que d'elle lhe póde resultar, não podem deixar de ser combatidos de temores e de esperanças. E ainda que pondo os olhos só no temporal ha mui pouco ou nada que temer, porque com a prudencia e discrição, que Deus deu a vossa mercê, e com a que em particular se tem experimentado n'este negocio, não póde deixar de fazel-o mui a contento de sua magestade, e sair d'elle com muito augmento e avantajado premio. Não sei, porém, se o premio do ceo está tão seguro, porque nem sempre os dois premios se juntam, antes muitas vezes approva e premeia a magestade da terra, o que a do ceo condemna e castiga, e ao contrario, ou seja por ter estragado o gosto dos reis, que se dão por servidos de cousas que não se fazem sem offensa de Deus; ou pela desordem e ambição com que os ministros, pretendendo por este meio ser premiados, se adiantam ao que nem a lei de Deus permitte, nem a vontade do rei, a quem servem, permittíra se o soubera e entendêra. E porque, por uma parte, do primeiro nos assegura aqui a grande christandade do nosso rei; e por outra, depois que este negocio passa por mais mãos que no principio, vão transluzindo cousas que fazem temer grande damno e erro, mui prejudicial para a alma ou almas dos juizes, e para as vidas, honras, e fazendas dos que hão de ser julgados; supplico a vossa mercê, quanto encarecidamente posso, olhe mui bem o que faz, e que pois seu zelo e intenção é tão boa (que ninguem duvida d'isso), prosiga com meios proporcionados para acertar em cousa que tanto importa, quaes seriam consultar pessoa ou pessoas de consciencia e letras theologicas, a quem pertence julgar de muitas cousas, que se offerecem em similhantes casos; e em quanto isto vossa mercê não fizesse, nem sua boa intenção o escusaria, se errasse, nem creio, segundo vejo ir encaminhando o negocio, deixará de errar, e fazer damno, que sem duvida não poderá reparar em todos os dias da sua vida. Não se fie vossa mercê, nem se contente em ir dando conta ao rei de tudo o que váe fazendo (como todos entendemos que o faz), que ainda que essa diligencia é muito boa e necessaria, e que com ella se poderam escusar consultas de cá, se tudo o que cá se sabe se podéra escrever ou dizer lá, e se todo o escripto se podéra ler, e todo o lido consultar. Mas bem se deixa entender, que com os muitos negocios e occupações que lá ha, não se poderá attender tão de proposito ao que vossa mercê trata, como se entenderia cá, e que não farão pouco em ler todas as cartas que vossa mercê escreve, e outros lhe tem escripto, sem se pôrem a ler e consultar mui de espaço todo o passado. E não duvido eu que o temor d'isto, e o de não cançar lá, terão feito a vossa mercê deixar de escrever muitas cousas. E assim me parece, e parecerá sempre mui necessario, fazer cá a diligencia que disse, e creia vossa mercê que quem esta lhe escreve o deseja servir, e que, fóra do bem commum, nenhuma outra cousa o move, e não falla da sua cabeça, senão com parecer de pessoas doutas, religiosas, e prudentes; e se vossa mercê quer saber a razão, e razões que tem de reparar, eu me offereço para lh'as apontar n'outro papel, que vá pelo mesmo caminho que váe este, que por justos respeitos, e inconvenientes, não se quer dar a conhecer o que isto escreve. Poderá ser que algum dia cessem e tire a mascara; entretanto esteja vossa mercê seguro de que nem é portuguez, nem tem parentesco com ninguem d'essa nação. O signal certo de que vossa mercê quer que lhe envie estes apontamentos, será ir ámanhã ouvir missa á egreja de Sahagun; e o não ir será para mim resposta de que não gosta d'isto, e lavarei minhas mãos. Queira Deus, que seja entre innocentes!»

XXV.

A carta que acaba de ler-se não deixou de chamar a attenção dos juizes. Ainda que estavam resolvidos a levar a causa pelos tramites regulares, e apoiados nas ordens de Filippe II, nada temiam; sem embargo d'isso suspeitaram que isto podia ser novo enredo do pasteleiro e do frade. Para ver se podia dar com o auctor da carta, como para aproveitar-se das noticias que podia dar-lhe, resolveu D. Rodrigo Santillan acudir ao signal que se lhe indicava, para o que tomou todas as precauções, que lhe pareceram opportunas, a fim de apoderar-se do anonymo, se por algum signal o descobrisse. Suas investigações e espias nada, porém, adiantaram. Ouviu missa na egreja de Sahagun, nada notou, e sem saber porque conducto achou em casa a carta promettida na anterior. A sua extensão dizia-nos que a omittissemos; mas o muito que ella é noticiosa, e confirma o que até aqui levâmos dito, nos parece fazel-a interessante ao leitor. Os seus termos são os seguintes:

«Senhor. Por constar-me que vossa mercê recebeu e leu um papel, que lhe enviei hontem, e haver sabido que é servido d'este meu officio, assim o faço de mui boa vontade. Queira Deus seja d'algum proveito, já que minha intenção é ao menos boa, e grande o desejo de que se acerte com o maior serviço de Deus e bem da republica.

«A fama, que até agora se tem deitado d'este negro pasteleiro, e o que parece deve agradar a vossa mercê, e ainda agradar a sua magestade, que se entenda, é que elle é um homem baixo, que fingiu ser el-rei D. Sebastião, com parecer e accordo d'alguns personagens, que por este meio, segundo se entende, pretendiam fazer conjuração e levantal-o rei de Portugal, em faltando o nosso (Deus o guarde muitos annos); o qual, a ser assim, ia o negocio plano e lizo, pois com isto ficava mui justificado qualquer castigo que se désse a este homem, e a qualquer que

se achasse cooperava em tão grande e calificada traição; e se dava mui boa saida á communicação que com este homem se sabe haver tido a senhora D. Anna d'Austria; porque nenhuma melhor, que ter-se fundado na falsa e enganosa persuasão de que era el-rei D. Sebastião. Mas, suppostos os indicios e evidentes conjecturas, que ha contra isto, nenhum homem cordato, que tenha um pouco de entendimento, se persuadirá d'isso, e assim nem se váe com Deus, porque as conjecturas não são verdadeiras (como logo direi); nem com os homens, que as tem e terão sem duvida por taes; nem se atalha o fogo e alteração que se podia levantar em Portugal, se entendessem que seu rei ou o que tem, a seu parecer, algum direito ao reino, é castigado em Castella, debaixo da figura de homem baixo e traidor; e queira Deus não se haja já começado a levantar esta chamma, que supposto o grande numero de portuguezas que se sabe haver acudido a Madrigal de poucos annos a esta parte a visitar a senhora D. Anna, e frei Miguel, muito é de temer que n'esta hora, vendo descoberta sua cilada, estejam mui alborotados; e para que vossa mercê veja o fundamento com que fallo, porei aqui as conjecturas com a maior brevidade que possa.

«Todo o mundo sabe que frei Miguel teve particular conhecimento e trato com el-rei D. Sebastião, como quem o criou, e lhe prégou muito tempo, e assim não póde haver duvida em que elle não póde padecer engano em ter por D. Sebastião quem não o era, porque por mais signaes que d'elle tivera, não deixariam de faltar-lhe alguns, bastantes, infinitos, que forçosamente se haviam alcançar examinando-o, e perguntando-lhe por elles, e mais com tão larga communicação como houve entre os dois em Madrigal, pelo que não haverá homem no mundo, que se persuada que frei Miguel o teve por D. Sebastião, não o sendo. Tão pouco haverá quem se persuada, que não o tendo por D. Sebastião, nem por D. Antonio, ou outro personagem que podesse persuadir-se que tinha direito ao reino de Portugal, senão por homem commum e baixo, quizesse vendel-o por D. Sebastião, e procurar que como tal fosse reconhecido por rei a seu tempo, fazendo tão grande engano á senhora D. Anna, com quem (segundo é publica voz e fama) a tem desposada, e uma traição tão enorme á sua patria, ao nosso rei e (o que peior é) ao do ceo, fazendo-se cargo não menos que d'um reino inteiro; e digo que nenhum se persuadirá isto de frei Miguel, por ser tido de todos quantos o conhecem e não conhecem, por um grande religioso, e muito servo de Deus, e mui douto e prudente, e de grande cabedal e entendimento; e é arduo de crer d'um homem tal um disparate tamanho, e que sem que, e sem para que, quizesse ir ao inferno, porque um homem baixo ficasse triumphante; e quando estivesse fóra de seu juizo (que vossa mercê sabe quão fóra está d'isso) e dera em um desatino como este, como quer vossa mercê que se creia, que os demais da sua nação, que entravam ou deviam entrar na conjuração, viessem sujeitar-se e render-se a um homem vil, e eleger para cousa tão grande pessoa tão pequena, havendo tantas de tão differente calidade entre elles, que tomaram para si essa sorte, e arriscaram de muito melhor vontade suas vidas por serem cabeças, que as arriscaram com o mesmo perigo para entrar na conjuração e dar honra e proveito a outro, a quem não tocavam, nem os merecia? E é mais forte esta razão por ser vivo D. Antonio, o qual sabemos que por mandar e ser cabeça trazia a sua mui desvanecida, e sua pessoa fatigada e desterrada, e que nenhuma nova houvera para elle melhor que commetterem-lhe esta empreza da maneira que se diz haver-se encarregado a este homem, e encarregado-se elle d'ella; claro está quanto fôra á vontade dos outros, e quanto melhor lhe estava, que commettel-o a um pasteleiro. E fóra d'isto não é d'animo vil e baixo desejar grandes riquezas; e é fama publica, que sendo importunado este homem que recebesse uma cruz de diamantes de valor de oitocentos ducados, e outra joia que valia seiscentos, que a senhora D. Anna lhe dava, e traça para poder seguramente vendel-as por via do arcebispo de Burgos, a quem para isso o encaminhava, não se acabou com elle que as recebesse. E se fôra homem baixo, quem duvida que se cevára na preza, de maneira que não se lhe puzera diante, que podia esperar outra maior? Assim grande indicio é este de ser grande a pessoa.

«Deixemos, pois, por cousa clara que, supposto o que se tem entendido e aqui se refere, este não póde ser homem baixo, senão pessoa grande e mui grande, em quem d'alguma maneira coubesse tanta cortezia como a senhora D. Anna e frei Miguel e os demais lhe tem feito; e em quem coubesse ter alguma côr (sequer apparente) á pretenção do reino de Portugal; e não é difficultoso de entender, que sua magestade tem grandes prenuncios d'isso, pois vemos que por uma parte se usa de meios e rodeios para saber quem é o preso, e por outra nem envia quem o conheça, dizendo o preso publicamente, que el-rei sabe mui bem quem é, e se não, que envie quem o conheça, que muitos ha; nem ha menção de lhe dar tormento, nem tocar-lhe no pello da roupa, e claro é que a não haver expressa prohibição d'el-rei, lhe houvera vossa mercê dado sessenta tormentos: quanto mais que por outra via se sabe, e é mui publico em Valladolid, que a ha, por haver dito o presidente, que na cedula que lhe veiu de sua magestade para mandar o alcaide Porto-carrero a algumas pessoas, se fazia menção d'isso: que para que vossa mercê entenda que não fallo da minha cabeça, gosto de trazer-lhe testimunhos tão abonados, quando posso sem damno de parte. Pois se este é pessoa da calidade que disse, parece não póde ser senão D. Sebastião ou D. Antonio. Se é D. Sebastião, está visto que é aggravo que se lhe faz em tel-o como o tem, e que muito maior seria se passasse o negocio a diante, e lhe tirassem a vida occulta ou descobertamente, ou o privassem do reino, pois para nada d'isto ha titulo nem bastante razão, porque não o é o haver elle negado que seja D. Sebastião, em o que parece renunciar o direito ao reino; que esta negação já se sabe que é involuntaria, e a mais não poder, pelo temor que tem, que, em se declarando, o acabem occultamente; e assim não desculparia isso ao rei e aos ministros que o soubessem, se, aproveitando-se d'essa occasião, o castigassem ou lhe tirassem o reino; e quando elle cedêra livremente (que não cederá) o direito que tem, claro está que frei Miguel, e todos os demais que n'este negocio se acham culpados, não cedem o que tem de não ser infamados injustamente, nem com falso testimunho, como seria dizer que levantavam rei o que o não era, que sendo-o, como agora supponho, e elles clamam que é, seria fazer-lhes um notavel aggravo, e impor-lhes uma traição que lhes não passa pelo pensamento; sem poder coloril-a com dizer que elles o tivessem por tal, porque, como disse, claro se vê que não póde frei Miguel padecer engano n'esta parte, e assim seria gravissima offensa de Deus o usar d'este remedio, ainda que fosse para com elle alcançar a paz do mundo, e conseguir o mais alto fim que se póde imaginar; porque já sabe vossa mercê, que não se hão de fazer males para que d'elles resultem bens: e assim ficariam os auctores e cooperadores d'este feito, em perpetua obrigação de dar publica satisfação e restituição de fama, etc. E tudo isto supplico a vossa mercê advirta mui bem o que abaixo

direi, e juntamente que fóra da offensa que a Deus se fazia, se acaso fosse como vou aqui pintando, não se comprazêra com os homens, nem se conseguiria o fim que se pretende da paz e quietação d'ambos os reinos, antes se poria um claro estorvo a ella, e se daria a maior causa de alteração aos portuguezes, que dar se póde. Porque a verdade, que queiramos, que não queiramos, ha de sair á luz, e mais com este caso, onde é certo haver muitos papeis secretos, que a descobrirão a seu tempo, e darão evidente testimunho de quem era o preso; e não faltará quem o dê de que foi conhecido; e com isto ninguem tirará da cabeça aos portuguezes, que se teve noticia de quem era, e de que por tel-a o despacharam; e não é mister mais, para que elles tenham alguma justificação para revolver o mundo, dizendo que mataram em Castella ao seu rei; e ainda que nunca o seja, é mister advertir isto, e fazer uma evidente demonstração de que nem é D. Sebastião, nem tem que ver com elle, porque d'outra sorte o rumor que agora anda, e que a senhora D. Anna, e o dito frei Miguel tem publicado, de que este é D. Sebastião, será bastante a causar a alteração que disse.

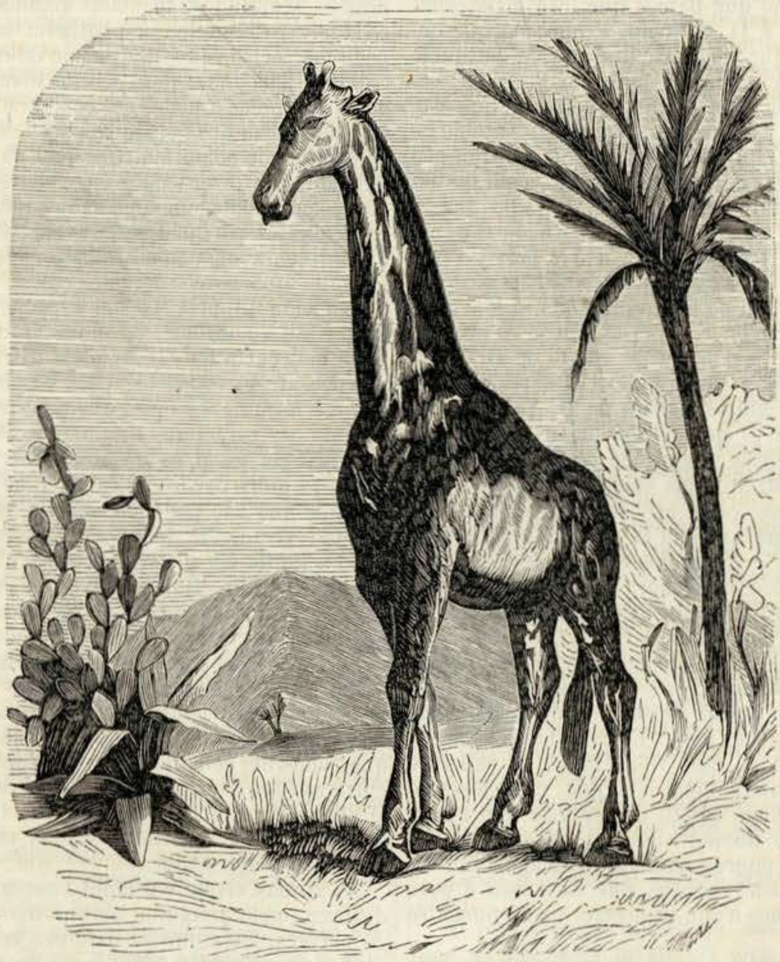
« Pois se este não é D. Sebastião, do discurso que tenho feito se tira que é D. Antonio, ou outro personagem tal, e porque outro não parece quem possa ser, e de D. Antonio ha os indicios que logo direi, fallarei no caso que seja D. Antonio, que no que n'elle dissesse se poderá ter por dito no caso de ser outro, em quem concorram as razões que n'elle concorrem. E quanto ao primeiro, se este é D. Antonio, já vejo que é mui differente caso, que o passado, e que ao menos, quanto toca á consciencia, ha menos perigo de errar; porque, ainda que a elle lhe pareça que tem algum direito ao reino, e ainda que dêmos que o tenha (porque comprehendamos outro qualquer personagem dos que tinham mais direito que elle), este é um direito mui duvidoso, e o d'el-rei nosso senhor muito mais certo, e com possessão; e tal traição podia ter armada em razão de poder levantar-se com o reino, que merecesse que lhe tirassem a vida, e ainda sem nada d'isso, taes delictos podia ter commettido em outro genero, em o ministerio, que quando por cousas atrazadas não tivesse merecido esta pena, por elles a mereceria, no que não me intrometto, pois não sei o que ha, nem me pertence o julgar d'isto. Mas porque essa pena se lhe poderia dar descobertamente e com manifestação de sua pessoa e delicto, ou encobertamente ao menos quanto á pessoa, publicando que é um homem tal e baixo que se fazia D. Sebastião, e queria levantar-se com o reino de Portugal, e parece que o negocio váe encaminhando de maneira que se tomará esta segunda traça, assim direi os inconvenientes que n'isso se me representam.

« O primeiro toca á consciencia e é, que, ainda que por parte do principal delinquente, que agora supponho ser D. Antonio, não haja que reparar, que sua condemnação se faça d'esta maneira ou d'outra, dado que é merecedor do castigo que n'elle se fizer, pois ainda elle mesmo deseja e com razão, que havendo-se de fazer não seja descoberta sua pessoa; da parte de frei Miguel e dos demais não me parece cousa tão segura, por ser mui differente delicto o dar ou levantar por rei ao que tem ou podia ter algum direito verdadeiro ou apparente ao reino; que fazer outro tanto com um homem vil, que nenhum direito tem, nem sequer meritos para ser lacaio dos que tanta cortezia lhe fazem, e redundaria muito maior infamia das ditas pessoas o haver cooperado a este segundo que ao primeiro, e assim se lhes fazia um notavel aggravo em imputar-lhes esta segunda culpa, e castigal-os por ella, ainda que tenham merecido todo este castigo que se lhes dá; e ja disse que nenhum fim póde justificar o meio que tem intrinseca maldade, qual é infamar um de delicto que não commetteu; e assim, não basta pretender por este meio atalhar outros maiores inconvenientes, que de descobrir quem é o preso, tendo de o castigar, poderiam resultar muitos menos. Basta que o dito preso negue ser D. Antonio ou pessoa tal, e affirme ser homem baixo e que se fingisse ser el-rei D. Sebastião, que isto já se sabe pelo que faz; e ainda que o faça pelo que quizer, não importa, que elle não póde tirar a frei Miguel e aos demais o direito que tem ao seu bom nome, e á opinião em que o mundo os tem e deve ter, já que se passa a verdade que encoberta reverteria em tanta infamia sua. E assim, se realmente se sabe que é D. Antonio, e se tem tal por verosimil que não se póde pretender ignorancia, ha obrigação de descobril-o por tal, ou dar traça como o descubram frei Miguel e os outros, que na opinião de todos vivem livres da culpa que não commetteram e da infamia que se lhes irroga. E não basta que o dito frei Miguel não queira confessar que é homem baixo aquelle que diz que é el-rei D. Sebastião, por dar melhor côr e saída ao que fez, que nenhuma podia ser mais conforme á sua honra, e á dos que andavam n'este negocio; e se uma vez se visse convencido de que este não é el-rei D. Sebastião, e que ou ha de ser tido por D. Antonio, ou por um homem vil, não ha duvida que declararia ser D. Antonio, e teria por muito melhor que todos julgassem que o era; e assim pelo negar agora, de nenhum modo é justo consentir em que se diga, que o que tratava como rei é homem baixo, não sendo senão pessoa tão differente. Este é o primeiro inconveniente tocante á consciencia, o qual, se tem algum fundamento, vossa mercê o verá ou consultará com quem melhor lhe parecer.

« O segundo toca ao fim que se póde pretender, em occultar a pessoa de D. Antonio, que é evitar escandalo e alteração de portuguezes, o qual não se alcançará por este meio, mas é para temer todo o contrario pela razão que acima disse. O mesmo em caso que este fosse D. Sebastião, porque não ha duvida senão que elle se ha de vir a entender, por mil vias que agora estão occultas, e logo não estarão, e será muito maior o sentimento e alteração de Portugal, e a presumpção contra el-rei, se vêem que se aproveita da figura de homem baixo que agora tem o preso, para debaixo d'ella o castigar e despachal-o occulta ou descobertamente, que se vêem que declara a pessoa, e a convençam de delicto que lhe mereça fazer qualquer castigo n'ella; e qualquer que ella seja vossa mercê entenda, que no ponto em que o negocio está, e no que d'elle se tem ouvido, ainda que na real verdade este fôra um vagamundo, é mister julgar tão a descoberto que todo o mundo veja que o é, tão claro como a luz do meio dia. Porém não sei como ha de ser possivel persuadir isto a gente de entendimento, com as cousas que ha de permeio, que são muitas mais do que as que tenho tocado, que nem todas se podem dizer, e mais por escripto. Fundo-me em que a vossa mercê lhe succederá isto mesmo com sua magestade, que não lhe dirá, por mais que o procure saber, tudo o que sabe, que ha mil minudencias que não se podem escrever, e fariam muitas vezes a substancia do caso; nem ainda quando se digam ter por escripto a vida que lhes dá a viva voz, que os faz parecer muito d'outra maneira e fazer mui differente juizo; fundando-me, digo, n'isto, é que persuadi a vossa mercê na passada, que não obstante que sua magestade sem duvida consultará lá todo o genero de gente letrada, fizesse vossa mercê outro tanto cá juntando ás suas boas letras algum ou alguns theologos como consultores d'um caso tão grave, que ouvindo e vendo

tudo o que vossa mercê sabe d'este negocio, poderão melhor julgar e decidir seu parecer, que os que só vêem uns papeis mortos: e se isto não faz, dá occasião a que o mundo pense que é verdade o que se contém n'este discurso, que não é só meu, senão de muitos que o tem e mui bom, e não faltará por ventura entre elles quem o publique, nem ainda outros muitos que se adiantem mais em pensar e fallar, do que se podiam seguir taes e tantos inconvenientes, que não fossem bastantes boas traças, nem talvez grossos exercitos a atalhal-os: e pois Deus fez tanta mercê a estes reinos, que pela prisão d'este homem se póde averiguar a verdade do caso, e descarregar a real consciencia, se convier, sem vir a dar n'estes inconvenientes, justo é empregar todos os meios possiveis para este fim, e para satisfazer ao mundo, que é mais necessario do que eu saberei dizer. E assim torno a supplicar a vossa mercê, olhe mui bem o que faz, e não se arroje, que lhe vá a alma e a honra n'elle.

«Até aqui tudo foi fallar debaixo de condição se é Pedro ou João, porque ainda que parece que ha claridade d'elle não ser homem baixo, e vejo assegural-o a homens mui doutos e cordatos, e dizer que não os arredará d'ahi todo o mundo; mas quem seja determinadamente não o podêmos assentar com resolução os que vemos as cousas de fóra; e ainda que eu não quizera arrojar-me ao que não tenho por mui certo, entre outras ignorancias que terei dito hei guardado a maior parte para fim, que é dizer o meu



Girafa.

sentimento, e o que se me representa por mais verosimil, com as conjecturas que para isso tenho.

«Quanto ao primeiro, estando em boa razão, a mim não me parece leva animo para ser D. Sebastião, assim por não condizerem bem os signaes de um com os do outro, que ainda que nas mais condigam, segundo o que tenho ouvido, em outras mui essenciaes differe; como porque parece cousa de riso dizer, que D. Sebastião esteve tantos annos encoberto, e no fim d'elles não achou outro melhor refugio que frei Miguel, nem outro melhor officio que pasteleiro, nem outro melhor povo que Madrigal; e o principal, porque, dado que fosse vivo, e que envergonhado pelo successo da batalha se tivesse encoberto a principio, e tido por melhor não possuir por algum tempo o seu reino, que passar aquella vergonha que em poucos dias se passára e esquecêra, e já que queria recuperar seu estado, que tinha mais que entrar no seu reino, e manifestar-se n'elle, e d'alli dar noticia ao nosso rei, ao passo que não podia duvidar da christandade de sua magestade, que logo que isto lhe constára lhe fizera entrega do reino, e talvez ainda de sua propria filha, sem que tivesse necessidade de tirar uma monja do seu mosteiro para casar com ella, e já que se temesse d'elrei, e entrára em seu entendimento duvida do que n'elle fizera, e com este temor se determinára a esperar para depois de sua morte, a que proposito ou para que havia vir a Madrigal, podendo estar mais seguro, mais servido, e regalado em mil casas de Portugal das pessoas com quem dizem se tem aberto, e a seu tempo o hão de ajudar? Pois dar por saí-

da a tudo isto o voto que dizem que fez de não reinar nem entrar no seu reino por espaço de vinte annos, é mais para rir que para outra cousa, porque não houvera sacristão que não dissera que tal voto não era valido, ou se era lh'o commutariam com muita facilidade, e sabendo elle isto como foi forçoso sabel-o, que ainda que frei Miguel disse publicamente que elle lh'o dissera, não se póde dizer que a obrigação do voto e menos a devoção de guardal-o, que de quem andava atraz d'uma mulherita em Valladolid não se póde presumir tanta devoção, que só por ella se privasse d'um reino inteiro, e mais desejando-o tanto, como tem mostrado a experiencia pelo trama que estava urdido. Mil dissonancias e repugnancias tem isto de D. Sebastião, e por isso me fica mui pouca ou nenhuma duvida quanto a este ponto. E, pois tem de ser personagem, pelo que diz o preso inclino-me mais ao que parece que leva mais caminho, isto é, que é D. Antonio. Primò: porque nenhum outro ha que podéra dar n'isto, e em quem melhor caira, que saibamos falte em Portugal: secundò, porque em todo o tempo que se diz que este homem anda por cá, não se sabe de D. Antonio se é vivo, ou morto, ou onde está: tertiò, porque não se soubera, por não haver tido occasião, nem ter havido para perguntal-o, mas já que está aqui, tempo tem havido para sabel-o, depois que anda este negocio, que ha já tres mezes, e não é possivel que havendo-se feito tanta diligencia para saber cousas que eram ramaes, só no ponto principal, que é este, tenha havido descuido. E pois isto não se ha de crer, e por outra parte não ha achar rastro de D. Antonio, largo caminho é este que leva. Quartò, porque a edade e outros muitos signaes de D. Antonio concordam bem com os que d'este dão os que o tem visto: quintò, porque a amizade de D. Antonio sabemos que era estreitissima com frei Miguel, e que isto o trouxesse por cá, e não havia muito que maravilhar-nos de que andando D. Antonio como anda, o viesse procurar e tratar cousas com elle, e que o frade o aproximasse da senhora D. Anna, e pouco a pouco se fosse urdindo esta teia, ou que de traz se trouxesse urdida por cartas, e isto o trouxesse cá, e a tomar o pulso ás cousas do reino, e talvez a alguns personagens d'elle, para ver se achava apoio n'elles; para o que e para outras cousas, a senhora D. Anna não era mais que um meio. Estes indicios sabemos cá; os que fazem ao caso vossa mercê os saberá e julgará, e dissimulará como bom juiz, e tão discreto ministro do rei mais amigo de segredo que nunca se viu. Mas não duvide vossa mercê de que nos ha de levar mui poucos mezes de vantagem em saber toda a verdade, porque este caso não é para encobrir-se, e como n'elle se acerte, oxalá nunca se saiba.

« Não se cance vossa mercê em indagar quem seja o que isto faz, ou porque via se encaminham os papeis, antes os tome como vindos do ceo, porque o mais não servirá senão de escandalisar o povo, e que eu me retire por mais cousas que saiba dignas de ser advertidas, como lhe dou minha palavra que estive para fazer agora, por haver sabido a diligencia que se fez para colhêr o que levava o papel; e se não dera em certa traça que achei para desmentir as espias, vossa mercê ficaria sem elle por ora, e ainda talvez que para sempre, que com algum enfado de ver diligencia tão de proposito, e com desejo por outra parte de não deixar por isso, o que para o bem commum tenho por tão necessario, estava já dando traça como envial-o ao rei, com o aviso de que vossa mercê não dava logar a ser advertido por estes meios, de cousas que tanto importam. »

(Continúa).

GIRAFA.

A girafa (*camello pardalis*) é um dos animaes cuja vista causa mais admiração pelas suas estranhas proporções. O pescoço, desmesuradamente comprido, immovel na sua direcção vertical, termina n'uma cabeça pequena. Esta desproporção entre a parte anterior e a parte posterior, de que resulta a obliquidade do tronco e a declinação da garupa; estes membros tão compridos comparados ás dimensões do corpo; a altura em fim a que chega este quadrupede, o mais alto de todos os animaes, porque attinge a mais de vinte pés; tudo, nas suas fórmas externas, sáe das regras ordinarias, e exclue a possibilidade de aproximação aos seus congeneres. Se por uma parte tem alguma analogia, quanto á fórma da cabeça e do pescoço, com o camello; se por outra a sua pelle rasa, branca, semeada de manchas angulosas de côr amarellada, se assimilha á panthera, mostrando como póde merecer o seu antigo nome de *camello leopardo (camello pardalis)*; por quantos mais caracteres não deixa a girafa de poder ser comparada a estes mammiferos! Além dos dois appendices osseos, d'algumas pollegadas de comprido, que tem na cabeça, e que, fallando com propriedade, não são nem cornos nem páos, mas prolongamentos não caducos do osso frontal, cobertos por uma pelle aveludada, a girafa ainda apresenta uma tuberosidade mais larga e menos saliente, que parece terceiro corno, particularidade unicamente propria da sua especie. As orelhas da girafa são compridas, os olhos grandes, a crina de pello mui curto da côr da pelle desce por detraz do pescoço até ás espadoas. Uma espessa borla de crinas lhe termina a cauda, que é de tamanho regular. Quanto aos caracteres tirados dos dentes e dos cascos, são em geral os da ordem dos ruminantes, de que este quadrupede faz parte. Uma ultima particularidade que não podêmos omittir, pois tem impressionado vivamente todos os observadores que tem visto a girafa em plena liberdade, é a singularidade da sua marcha. Habitualmente mexe a um tempo os dois membros do mesmo lado; mas, quando trota, move com ligeireza os dois membros posteriores para o centro dos dois anteriores que tem abertos, e faz assim ponto d'apoio dos primeiros para caminhar com ajuda dos segundos, conservando a mesma redondeza no pescoço, que se não dobra nunca, mas que, como um pendulo, se balança de diante para traz entre as duas espadoas, que lhe servem de charneira. O andar da girafa é, além d'isto, tão rapido, que, se devemos dar credito a alguns viajantes, um cavallo não a alcançaria.

As girafas vivem em familia sobre vastos desertos d'Africa, onde procuram para nutrir-se grãos e folhas de arvores. Inda que de natureza branda e pacifica, conhecem quando a fuga lhes é impossivel, e sabem defender-se com vigorosos couces do proprio leão, seu mais perigoso inimigo. Os diversos povos d'Africa as caçam para obterem as pelles. Os hottentotes comem a sua carne, mas raramente podem apanhal-as vivas. Ainda que Roma as viu nos seus circos, raramente tem apparecido na Europa. Só ha poucos annos é que o jardim do rei em Paris, e o museu britannico poderam pela primeira vez obter vivos dois d'estes animaes. Em Paris o macho morreu pouco tempo depois do seu desembarque; a femea é que sobreviveu, e toda a cidade correu a admirar. Em Londres a femea recusou-se a amamentar um filho que teve, e que se não póde conseguir criar com leite de vacca. O nome *girafa* é de origem arabe.

OS TEMPLARIOS.

I.

Em 1118 estabeleceu-se em Jerusalem uma ordem militar. Beauduino II, rei da cidade santa, domiciliou os religiosos recemvindos perto do Templo de Salomão. D'ahi lhes veiu o nome de templarios. Em pouco tempo a ordem cresceu, espalhou-se, e adquiriu bens consideraveis em toda a christandade. Guilherme de Tyro diz que pelas suas riquezas os cavalleiros do Templo eram comparaveis aos reis.

Tão grandes elementos de poder despertaram a cobiça dos reis e dos papas. É sem duvida ao desejo de invadir os bens dos templarios, que se devem attribuir os primeiros ataques contra a ordem, e as calumnias de que se serviram para a destruir. A historia não tem assignado outro motivo ao procedimento que o papa e Filippe, o *bello*, tiveram com os templarios. A egreja não era então insensivel á posse dos bens temporaes: o poder monarchico nada lhe cedia em avidez. Entretanto, mesmo n'um seculo de barbaria, estas cobiças não teriam ousado apparecer, se o duplo principio de auctoridade não houvesse achado meio de as apoiar, sob pretexto de serios aggravos — mas aggravos que ainda se ignoram.

O ultimo seculo mostrou-se enthusiasta e compadecido da memoria dos templarios. A eschola de Voltaire exultava sempre que podia embalsamar nas honras do martyrio todos os homens, sobre quem a egreja tinha desencadeado os furores do braço secular. Prestâmos homenagem a tal sentimento de justiça e reparação historica; mas é preciso que este sentimento seja esclarecido.

Os costumes dos templarios tem sido objecto das mais graves accusações. É claro que religiosos, cuja vida se passava no meio dos campos, deviam misturar com as praticas da sua ordem toda a casta de rapina e galhardia.... Até havia um antigo proverbio que dizia: *Beber como um templario.* Porém esta depravação de costumes, inseparavel do mister das armas, tinha-a a egreja respeitosamente coberto com o seu silencio, e mesmo com a sua estima, em quanto os templarios se limitaram a defender os interesses dos christãos contra os infieis.

Demais, a suppor-se o procedimento dos templarios tão pouco regular como o querem fazer, essa desordem não fôra culpa propria, mas das instituições que a egreja e a corte de Roma tinham approvado. A egreja, na sua alliança com o principio de auctoridade, condemnára-se a servir-se tambem da força. A creação das ordens militares foi uma das consequencias d'este pacto.

A existencia de padres-soldados não é facto novo na historia. Em Roma a lança e o altar não se separavam. Mas uma alliança, que parece natural n'uma ordem de cousas em que a existencia civil, como em Roma, era absorvida pelo culto, torna-se monstruosa, quando a religião e a politica não vão de accôrdo. A egreja tivera mais que fazer, do que destruir o contraste que havia entre as suas doutrinas e o emprego da força material. Que os padres-soldados fossem os unicos que se crêssem com direito de sacrificar, com mãos tanto mais puras quanto mais manchadas de sangue, era isso bom na Roma pagã, curvada a divindades ferozes. Mas, como associar, em sociedades christãs, o caracter religioso ao selvatico espirito de guerra, a costumes relaxados e brutaes, que constituem o caracter do soldado? Como desembainhar a espada em nome d'aquelle que disse: mettei a espada na bainha?

A instituição dos templarios seguiu nos seus progressos a marcha de todas as sociedades humanas. Os povos fazem a principio a guerra para destruir: symbolo, Hercules: — fazem-na depois para adquirir: symbolo, a expedição dos argonautas.

Em latim a mesma palavra significava primitivamente combater e roubar, *latrocinari*. A guerra não é em verdade senão mão levada sobre os bens do inimigo. Na organisação de todos os conquistadores famosos ha alguma cousa do salteador. Não é, pois, para admirar que os templarios, cuja coragem ninguem ainda contestou, alcançassem consideraveis bens.

Lisonjear a espada santa foi a principio tactica na egreja e no estado, que, vendo nos templarios homens decididos, e bravos soldados, esperavam ajudar-se dos seus serviços para fins politicos. Mas a espada em pouco tornou-se tão forte, que metteu medo ao papa e aos reis. Foi por isso que resolveram quebral-a.

O que falta achar, o que os historiadores não disseram, foi a natureza do mysterio, até hoje impenetravel, que motivou a destruição da ordem. É preciso encarar directamente os factos: anniquilar uma associação, a um tempo religiosa e guerreira, que se apoiava nas suas riquezas e na sua espada, não era então empreza facil. Para obrarem tão de accôrdo era preciso que o papa e o rei de França, Filippe, o *bello*, tivessem reconhecido que havia perigo na demora, isto é, que os templarios ameaçavam com suas doutrinas, já a orthodoxia, já a constituição politica do estado.

E demais, haveria na ordem segredo? É difficil duvidar d'isso. A maior parte dos depoimentos estabelecem que, com o véo de praticas communs ás outras sociedades religiosas, os templarios encobriam um mysterio exclusivo da ordem. A tal respeito Raoul de Presles diz: — « Quando estive em Laon, travei amizade com o prior templario da cidade, chamado frei Gervasio de Beauvais. Muitas vezes lhe ouvi dizer, mesmo diante de muitos, e isto mais de cem vezes, quatro, cinco, ou seis annos antes da prisão dos templarios, que na sua ordem havia um ponto, tão singular e de tal fórma secreto, que antes preferia lhe cortassem a cabeça, que revelal-o: que, demais, havia no capitulo geral um outro ponto, de tão importante segredo, que se por infelicidade o seu amigo de Presles, ou o proprio rei, o vissem, os freires reunidos os matariam sem remorso. Tambem muitas vezes ouvi dizer ao mesmo frei Gervasio, que tinha uma collecção de estatuas da ordem, que mostrava aos estrangeiros; mas que tambem tinha outra collecção, que não deixaria ver nem por todos os bens da terra. »

Assim a ordem do Templo era uma sociedade secreta.

A revelação do mysterio dos templarios (pois que n'elles havia mysterio) fôra, talvez começada, como sempre, por falsos irmãos. Dois cavalleiros do Templo, condemnados a prisão perpetua, um por heresia, outro por differentes crimes, declararam o segredo da ordem aos ministros do rei. Geralmente as prisões é que são a voz dos delatores. O attractivo da liberdade leva em tal caso as almas baixas á revelação dos tramas que existem, e muitas vezes á invenção dos que não existem.

(Continúa).

MOEDAS DOS REIS CATHOLICOS EM CASTELLA.

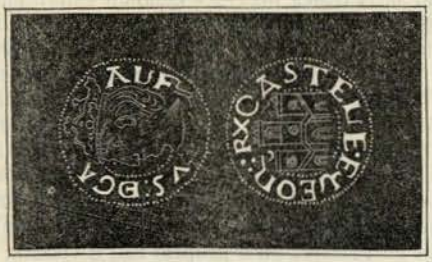
I.

A Hespanha, sempre amiga da sua independencia, olhava de máo grado, que uma turba de homens vindos dos adustos areaes da Arabia se assenhoreasse

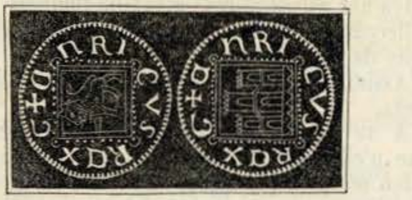
do paiz, que tanto custára a conquistar aos romanos. Mas o grito de independencia e liberdade dado n'um canto das Asturias pelo esforçado Pelaio, em cujas veias fervia o sangue dos antigos godos, resoou em fim em toda a peninsula iberica. Levantado o estandarte, cujo brasão era Christo e a Hespanha livre, as espadas hespanholas desembahinharam-se para uma lucta que devia durar sete seculos.

Grandes foram os esforços dos hespanhoes para se livrarem da tyrannia dos seus inimigos de religião. Lançando-os passo a passo da antiga Castella, primeira que entre as provincias por elles occupadas recobrou a sua independencia, fundaram uma monarchia que, a principio debil, unida depois á de Aragão, acabou por expulsar de todo os seus conquistadores para além Mediterraneo.

Desde que as pequenas monarchias e estados independentes hespanhoes poderam entregar-se aos assumptos governativos, sem desattender a guerra, começaram a cunhar moedas com typos em que assignalavam os brasões nacionaes e bustos dos seus reis e senhores. Estas moedas, incorrectas e de máo gosto, na sua origem, assim como de infima lei, não podiam deixar de ser assim n'uma epocha em que o erario devia estar mui exhausto, e as artes mui atrazadas; pois, sendo amigas da paz e do socego, era impossivel que prosperassem em tempos tão bellicosos, e quando as armas attrahiam toda a attenção, sendo o exercicio d'ellas a principal occupação dos homens. As moedas mais antigas d'esta epocha, que se conservam nos medalheiros, são as dos affonsos e as dos sanchos; mas lendo-se geralmente n'estas « Alfus » ou « Sancius », sem determinação, nem do



numero do rei, nem do anno do cunho, é mui diffi-



cil, e talvez impossivel, classifical-as, e assignar a cada uma o reinado a que pertence, ao menos até Affonso VI — difficuldade que tambem se dá com as moedas de Aragão, das quaes as mais antigas são os sanchos e os affonsos, sem que se possa determinar quaes são as primeiras.

Rendendo-se a cidade de Toledo a Affonso VI na lua de muharran, anno 478 da egira (1085 da nossa era), este rei de Castella, e alguns dos seus successores, senhores já de muitos povos arabes e mustarabes ou muzarabes, isto é, christãos, que tinham a lingua, costumes e parentesco dos arabes, cunharam moedas arabicas para se fazerem entender melhor d'aquelles povos, que ignoravam a lingua castelhana. Estas moedas, de que ha ainda algumas nos museus dos curiosos, e particularmente no da bibliotheca nacional de Madrid, e da academia de historia, tem no anverso uma cruz, e na área a inscripção seguinte: — « O principe pela graça de Christo : : ALF. » — na orla a legenda « Em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, um só Deus, quem crer e for baptizado será salvo » — no reverso — « Principe dos Catholicos, Affonso filho de Sancho: Favoreça-o Deus e ajude-o » — e na orla — « e cunhou este adinar em Tolaitola anno 1237 da era Asalfar » (*era de Hespanha*) isto é, era hespanhola, que corresponde ao anno 1199 de Christo. A bibliotheca de Madrid possue uma de 1187 de Christo, e tem-se visto de diversos annos do reinado d'aquelle principe. Esta moeda, e as da sua especie, são rarissimas. A sua raridade indica, ou que se cunharam mui poucas, ou que desde o principio mouros e christãos as inutilisavam, uns e outros para terem alguma cousa dos seus inimigos. Os mouros, assim como os christãos, d'aquelles tempos, dividiam suas moedas em felus; o felu em fomin, ou ochao; o ochao em sila-mozuna, seiszena arubia, cuarto, nef-arubia, meio-cuarto. A proporção d'esta moeda miuda para com a de prata era, que 48 felus valiam um adirham de prata, e 12 adirhans de prata um adinar ou dobla de ouro. O peso legal invariavel era, particularmente entre os arabes, o que fixava o valor da moeda corrente, de modo que nas suas trocas e vendas todo o dinheiro se recebia a peso, não lhes importando que as moedas estivessem integraes ou cerceadas, sempre que fossem de boa qualidade.

Difficil e desconhecido é o valor das moedas castelhanas, e seu equivalente em moedas arabicas n'aquelle tempo. Por isso não tem sido possivel fixar a proporção entre o mitical, ou peso de ouro arabico, e a dobla de ouro castelhana: nem a do adinar, ou escudo de ouro mourisco, e o maravedi de ouro alfonsim, de que se falla nas escripturas arabicas outorgadas entre os subditos dos reis de Castella, nas quaes tão depressa se usa do nome de mitical de ouro, como do de morabitim d'el-rei. Em Castella tambem se contava por miticaes alfonsins, que tinham 15 albaidas, ou brancas.

Logo que Fernando III, o santo, reuniu Castella a Leão, começaram a pôr nas moedas os emblemas de ambos os estados, esculpindo no anverso um castello e a legenda — « *F. Rex Castelle* » — e no reverso um leão e a legenda — « *Et Legiones.* » — O signal da cruz no reverso e o busto do rei de perfil no anverso, ou o castello e o leão contrapostos com a le-



genda anteriormente citada, mais ou menos variada, se nota em todas as medalhas hespanholas de Castella e de Leão, até ao rei D. Pedro no seculo XIV, em que se vê no anverso o busto d'este monarcha em perfil, e no reverso os castellos e leões divididos em quatro quarteis, como se nota hoje nas armas hespanholas.

Até Affonso o sabio usaram-se em Castella as moedas chamadas pepiones, 180 das quaes valiam um maravedi; e em Leão as moedas leões, assim chamadas, por estar este animal representado n'ellas; mas aquelle rei, fazendo desmanchar a dos pepiones, mandou fazer a burgaleza, 90 dinheiros da qual valiam um maravedi. Seis dinheiros burgalezes faziam um soldo, 15 soldos um maravedi.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão, Rua da Boa-Vista 4 B.